

SAMAMBAIA CANIBAL

MATERIAL DE APOIO AO EDUCADOR

Imagem de *Samambaia Canibal*, livro ilustrado por Amanda Lobos.



COMPANHIA *na educação*

Samambaia canibal é um romance que faz, na forma e no conteúdo, uma homenagem robusta à cultura brasileira, deglutindo, à sua maneira, o Manifesto Antropófago, o tropicalismo e outras referências nacionais e estrangeiras. A história se passa na cidade de Piratininga e começa de maneira tranquila e aparentemente cotidiana com uma competição proposta pelo professor de Ciências: uma exposição de samambaias na escola. Manela e Salustiana, muito empenhadas, conseguem uma samambaia emprestada por Betânia, senhora muito cuidadosa com as plantas, dona de grande e formosa coleção. Antes, haviam tentado conseguir samambaias com Gal, a avó de Manela, também muito orgulhosa de suas plantas, mas que se recusa a emprestá-las para a exposição. As meninas acabam convencendo Betânia — envolvendo um pouco de competitividade entre ela e Gal — e resolvem levar também um adubo proibido que Betânia fabrica: a geleia geral.

Após receber uma generosa porção do adubo, a samambaia, chamada Caetano, não somente cresce sem parar, mas também ganha apetite, personalidade, e começa a devorar tudo o que vê pela frente: pessoas, casas, cachorrinhos, banco, banqueiro. Ela tem um apetite insaciável e cresce de maneira descontrolada: logo Piratininga está coberta por uma nova floresta, tomada por bichos e correndo real perigo de ser completamente engolida. Então, as meninas que sem querer criaram a mostrenga, partem em uma grande aventura para deter a samambaia canibal.



POR TRÁS DAS PALAVRAS E IMAGENS

O AUTOR

Tiago de Melo Andrade nasceu em São José do Rio Preto (SP), em 1977. Aos cinco anos de idade, retornou à cidade de origem de sua família, Uberaba (MG), onde se formou em Direito e reside até os dias atuais. Ainda na faculdade, Tiago começou a escrever e publicar os primeiros textos; em 2023, já tinha cerca de 50 livros publicados.

Seu livro de estreia, *A caixa preta*, foi vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Autor Revelação, premiação da qual foi finalista em outras três ocasiões: em 2014, 2015 e 2017. Em 2021, recebeu o selo Seleção Cátedra Unesco pelo livro *Como subir em árvores*, além do Selo Distinção Cátedra Unesco de Leitura pelo livro *Exercícios para imaginação*.

A ILUSTRADORA

Amanda Lobos é designer e ilustradora capixaba, nascida em 1999. Suas criações costumam combinar cores vibrantes, texturas e estampas, fazendo desenhos manuais, digitais, murais e outros formatos, que eventualmente se mesclam aos seus projetos como designer, pelos quais já foi premiada no Brasil e no exterior.

POR QUE LER ESTE LIVRO?

A narrativa de *Samambaia canibal* é cômica e, tomada de força antropofágica, funde referências distintas da cultura pop, da literatura, das artes plásticas e da música. Reconhecemos *Macunaíma*, *Chapeuzinho Vermelho*, Rita Lee e *Alice no País das Maravilhas*. Identificamos também as narrativas nas quais a natureza se volta contra a humanidade, filmes de terror alternativos, histórias da carochinha misturadas com poemas, que se mesclam com letras de músicas, que se misturam com pinturas.

O conhecimento e o reconhecimento das referências não são, entretanto, impeditivos para desfrutar da obra, pois a aventura de Manela e Salustiana, em meio à cidade que vai se tornando uma selva, à procura de ajuda e salvação, é repleta de reviravoltas e momentos engraçados, que certamente vão engajar os jovens leitores.

Um romance preocupado com a identidade brasileira, mas que não quer ser excludente ou contra o que vem de fora, e sim absorver a cultura estrangeira e misturá-la com aquilo que está por aqui. Então, uma das razões para se ler o livro é que ele pode instaurar uma excelente conversa sobre cultura e identidade brasileiras. O que consumimos? O que somos? Pode-se fazer apresentar dois importantes períodos na história cultural de nosso país: o modernismo, com o Manifesto Antropófago, e o tropicalismo.

A adolescência é o momento de expandir as referências culturais, descobrir novas matrizes, pensar o mundo e sobre si mesmo para, ao final, construir a cidadania. O livro pode funcionar, portanto, como um excelente mediador: a leitura pode — e deve — ser uma boa referência para ampliar o repertório cultural, um momento de troca e de apresentação de artistas, além de reflexão sobre a identidade nacional. Traz também questões muito interessantes referentes à linguagem, questionando a homogeneização e enaltecendo regionalismos e marcas de fala; questões de meio ambiente, ecologia e relativas à identidade em termos individuais.

Ao terminar o livro com um grande Carnaval, em que se come Caetano, devorando aquilo que nos devora, o autor nos dá uma saída alegre para a destruição. Há a possibilidade da alegria, da transformação e da digestão do perigo e do medo. Há caminhos que só o Brasil nos proporciona, que apontam para a proliferação de novas possibilidades.



A LÍNGUA QUE VOCÊ FALA

Logo no início da obra, antes mesmo de a história começar, o leitor se depara com uma “advertência”, escrita como a fala das gentes, diferente do dicionário ou dos livros de gramática. Esse é um aspecto importante de ser destacado em *Samambaia canibal*.

O livro utiliza uma linguagem que, no início, pode causar estranhamento, como nesse “causo”, quando a grafia impressa não condiz com a grafia dicionarizada. Isso faz parte da estética e do movimento deglutidos pelo autor: a busca de um português brasileiro é parte constituinte e fundamental do movimento antropofágico e também do tropicalista. Abre-se então uma excelente oportunidade para se falar sobre norma e variação linguística, para se discutir o preconceito linguístico e o desmerecimento da maneira de falar não letrada que ainda atravessam a sociedade.

O autor relata a surpresa que teve, ao ler outros autores e descobrir que poderia usar o próprio sotaque em seus textos, como foi libertador entender que seu mundo-palavra poderia entrar na linguagem literária dos livros. Usar a linguagem marcada pela oralidade e pelos regionalismos não somente é intencional, mas faz parte do projeto estético e até mesmo político da obra.

O livro, ao usar todo um léxico extremamente brasileiro – por exemplo, na enumeração das árvores e dos bichos que há na floresta –, além de expressões da fala cotidiana e de expressões regionais, valoriza a variação linguística. Há uma recusa em homogeneizar a linguagem, em adequá-la a um padrão supostamente mais correto. Pelo contrário, valoriza-se justamente aquilo que é singular, uma fala poética e inventiva que se escuta nas ruas e se mescla com referências literárias.

Além disso, adolescência é também o período no qual os jovens estão construindo uma relação muito particular com a linguagem, em que o uso de gírias, por exemplo, pode ser uma importante ferramenta de afirmação de pertencimento, de construção de identidade e de grupo. É válido discutir tudo isso com os leitores, levantando outras obras e canções em que aparecem variantes da língua portuguesa tida como padrão e mesmo instaurando uma reflexão sobre marcas de fala e preconceito linguístico.

A variação linguística sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa, portanto, além de levantar os regionalismos e grafismos diferentes dos dicionarizados durante a leitura – e ver qual é a função deles na construção dos sentidos da obra –, mapear com expressões da turma as diferenças de pronúncia e construções sintáticas próprias, e mesmo o vocabulário de cada um, podem ser estratégias interessantes para abordar a variação linguística. Além disso, trata-se de uma rica oportunidade de construir a compreensão de que diferentes gêneros textuais pedem diferentes registros, além de valorizar a maneira como cada um fala como parte de uma história e identidade, sem deixar de ensinar a norma-padrão.

Algo particularmente interessante que ocorre no livro, tanto no vocabulário e sintaxe como nas referências, é a mistura muito engenhosa que o autor faz entre as culturas erudita e popular. O livro literário é sempre uma conversa com os livros que o precederam e, neste caso, cada página do livro é uma conversa com muitas matrizes e diversas referências distintas entre si.



ENRIQUECENDO A EXPERIÊNCIA

O livro faz um belo apanhado da história recente da música e das canções brasileiras, como se pode notar pelos nomes dos personagens, que certamente conversa com aquilo que os adolescentes ouvem e são hoje em dia. Músicas e matrizes culturais com as quais os estudantes podem ou não se identificar, mas que certamente vale a pena conhecer.

O professor de Ciências chama-se Tom Zé; Manela, a protagonista, tem esse nome em homenagem ao poeta Manoel de Barros, “aquele com olho especial de ver a importância do mínimo e das coisas miúdas, desde o cago duma garça, a unha do dedão do pé ou o ínfimo cisco rolando para no chão”.

É interessante notar como em meio aos nomes tropicalistas aparece Galadriel, personagem criada por J.R.R. Tolkien para a saga Senhor dos Anéis, uma legítima elfa pertencente à realeza. Mas volta e meia ela diz, como a cantora em sua famosa canção: “Meu nome é Gal”. E a grande amiga, ex-rival de Galadriel, chama-se Betânia.

Esses são alguns dos nomes dos principais personagens da trama, sem falar que a samambaia canibal se chama Caetano. Ler o livro é também conhecer esses artistas, estabelecer conversas e comparações, conhecer o tropicalismo e o movimento antropofágico.

O livro *Samambaia canibal* também trata da questão ecológica, já que é uma narrativa em que a natureza se volta contra a humanidade. Por exemplo, há uma grande reflexão sobre máquinas com segundas intenções (como se estivessem munidas de olhos e ouvidos a nos espiar), sobre a necessidade de um celular 5G em um mundo que está acabando, sobre o lugar do ser humano na selva. Esse aspecto também pode ser muito explorado em sala de aula, inclusive de forma interdisciplinar, com os professores de Ciências e Geografia. Além disso, há também uma grande homenagem à floresta tropical, com sua enorme diversidade.

Note-se que, com adolescentes, a leveza e o humor para tratar de temas graves pode ser fundamental para dar amparo e mesmo mostrar saídas e possibilidades.



Diálogos com a BNCC

A leitura feita individualmente, em grupo e/ou coletiva, junto com conversas e trocas de impressões ao longo da história, possibilita o desenvolvimento das seguintes habilidades, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.



MERGULHANDO NA HISTÓRIA

A leitura de *Samambaia canibal* instiga trocas e conversas, tanto sobre a narrativa em si quanto sobre as muitas referências que a obra evoca. Assim, a leitura pode ser feita de forma compartilhada ou individual, garantindo momentos para que os leitores possam compartilhar suas experiências de leitura.

Antes de iniciar, vale fazer uma breve introdução sobre modernismo e tropicalismo, apresentando características e personagens centrais desses movimentos culturais. Ao longo da leitura, prepare conteúdos relacionados para expandir os momentos de trocas, como músicas, vídeos e livros com os quais esta obra dialoga.

Devido à grande quantidade de referências e conteúdos que permeiam o livro, é importante planejar chaves de leitura a serem consideradas em cada conversa e incentivar os jovens leitores a fazerem anotações de nomes, trechos ou páginas que considerem relevantes para o debate.

ALGUNS DISPARADORES PARA INICIAR:

- O que é cultura brasileira?
- Quais são os nossos hábitos de consumo de cultura?
- Quais são as riquezas culturais que estão muito perto de nós e muitas vezes passam despercebidas?
- Como absorver as influências que vêm de fora sem, no entanto, perder aquilo que é nosso?

CONFORME AVANÇAREM MAIS NA LEITURA, ALGUNS TÓPICOS PODEM GUIAR AS CONVERSAS DE MEDIAÇÃO:

- As máquinas e a força da natureza
- Manifesto antropófago
- Tropicalismo
- Intertextualidade
- Transformação
- Identidade



AMPLIANDO O OLHAR

O final da história é bastante poético e uma ode à grande manifestação brasileira que é o Carnaval, que tudo deglute, inverte e reinventa. A solução que o poeta dá é comer Caetano, em outra referência à música, mas também em uma grande brincadeira sem fim sobre quem é devorado por quem. O autor considera que essa também é uma das forças antropofágicas: devorar um problema, transformando-o, dominando-o. A solução, neste livro, é dada pela alegria e pelo humor; não há armas, mas sim o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Inajá Furada, que reúne gente e bicho em uma grande festa.



São muitas as possibilidades de trabalhos interdisciplinares a partir da leitura do livro. Há desde a questão da variação linguística – que pode ser trabalhada com a disciplina de Geografia, ao estudar características culturais das diferentes regiões brasileiras e também de grupos sociais –, passando por questões relativas ao meio ambiente – estudo de casos nos quais a natureza tomou conta de locais antes habitados por seres humanos ou casos em que a natureza é de fato uma ameaça; ainda é possível realizar estudos sobre florestas tropicais e sua diversidade – até chegar à história do Brasil do século xx. A produção cultural não se desvencilha da história, por exemplo, o estudo do Brasil na década de 1960 por meio do movimento tropicalista pode ser uma maneira extremamente profícua de compreender a época e as tensões existentes. Além disso, o convite para que os estudantes ouçam as músicas apresentadas no livro, conheçam os artistas ou vejam os filmes é muito sedutor e pode resultar em grandes projetos e ações conjuntas com a disciplina de Arte, ao tratar de artes visuais, artes do corpo e música.










Autoria do material: Caren Inoue
Edição de texto: Emily Stephano
Preparação de texto: Cristina Yamazaki
Revisão de texto: Carla Kinzo e Fernanda França
Projeto gráfico e diagramação: Osi Nascimento

Todos os direitos desta edição reservados
à EDITORA SCHWARCZ S. A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501



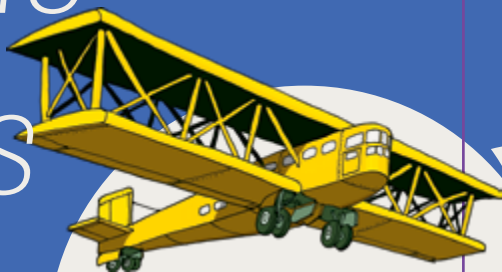
PARA EXPLORAR

Outras obras podem expandir a experiência de leitura com diferentes linguagens:

-  *A pequena loja dos horrores*, de Frank Oz. Estados Unidos, 1986, 94 min.
-  *Uma noite em 67*, de Renato Terra e Ricardo Calil. Brasil, 2010, 93 min.
-  Podcast *Samambaia tropical?* – Ficções: Crianças
-  ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. Tropicália.
Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3741/tropicalia> >.
Acesso em: 12 maio 2026.
-  SOUZA, Warley. Macunaíma. Brasil Escola.
Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/macunaima.htm> >.
Acesso em: 12 maio 2026.




ATENDIMENTO EXCLUSIVO PARA ESCOLAS





A Companhia na Educação é o núcleo da Companhia das Letras responsável pela área educacional.


Para conhecer nossos projetos, solicitar atendimento de nossa equipe ou acessar mais de nosso conteúdo:

- Envie um e-mail para professores@companhiadasletras.com.br
- Visite o site **Companhia na Educação**, que é voltado aos profissionais da área educacional.
- Acompanhe-nos em nossas redes sociais.

 [@companhianaeducacao](https://www.instagram.com/companhianaeducacao)

 [@companhianaeducacao](https://www.facebook.com/companhianaeducacao)

 <https://tinyurl.com/link-cia>

 <https://tinyurl.com/ciaedu-yb>

via hashtag
[#COMPANHIANAEDUCACAO](https://twitter.com/COMPANHIANAEDUCACAO)



COMPANHIA *na educação*

A gente
se encontra
nos livros.